

Congresso faz pouco caso

João Domingos

BRASÍLIA — Durante os dois dias de greve geral, o Congresso Nacional registrou escassa presença de parlamentares, o que chamou a atenção do líder do PT, Plínio de Arruda Sampaio (SP): “Até parece que estamos solidários com o movimento dos trabalhadores. Há uma espécie de greve parcial aqui dentro”, afirmou, para menos de 20 deputados durante a sessão de ontem. Depois, lembrou a todos que o Congresso está fazendo “uma operação tartaruga”, sem qualquer deliberação. “Nós não votamos ainda nenhum projeto de lei oriundo do Legislativo. Passamos nosso tempo discutindo medidas provisórias e velhos decretos-leis”, advertiu.

Alguns parlamentares fizeram pronunciamentos a respeito da greve geral, mas este não foi o assunto preferido nas sessões dos dois dias. O deputado João Paulo (MG), do PT, líder sindical metalúrgico, por exemplo, falou ontem durante 30 minutos a uma reduzida plateia de desatentos parlamentares. Fez um pronunciamento agressivo, de denúncias contra desmandos e corrupção por todos os lados. Falou de corrupção passiva, citou o ministro Roberto Cardoso Alves, o Instituto Brasileiro do Café, o general Albérico Barroso, demitido da Petrobrás Distribuidora por suspeitas de enriquecimento ilícito e muitas outras coisas. Mas ignorou totalmente a greve que teve o apoio do seu partido.

Resposta — Poucos pronunciamentos de alguns políticos de variados partidos e até sem legenda lembraram ao Legislativo que no país todo havia um movimento de paralisação. O depu-

tado Lysâneas Maciel (PDT-RJ) utilizou o horário destinado a oradores de seu partido para responder ao governo, que classificou a greve de provocação. “A provocação partiu do governo, que arrochou os salários, perdoou uma dívida de US\$ 1,8 bilhão dos pecuaristas e, para tentar enganar o povo, deu aos que ganham menos de cinco salários mínimos abono de NCz\$ 1,20”, conforme determina a Medida Provisória nº 37, aprovada pelo Congresso.

A deputada Irma Passoni (PT-SP) até que tentou parar os funcionários do Congresso no primeiro dia da greve geral. “O que vocês estão fazendo aqui? Por que não ficaram nas suas casas, não foram às passeatas, não denunciam o Plano Verão?” indagava ela aos grupos de servidores que encontrava. Não obtinha resposta. Dos militantes do PT que trabalham na liderança partidária, ela tinha uma justificativa para a não-paralisação: faziam plantão de 24 horas para denunciar violências, caso ocorressem em qualquer ponto do país.

No segundo dia da paralisação, Irma Passoni já não fazia mais apelos para a adesão à greve. Lamentava o fato de o Congresso, segundo ela, praticamente ter ignorado a movimentação no país todo. O ex-secretário-geral da Mesa da Constituinte, Marcelo Cordeiro (PMDB-BA), acha que o Congresso teve uma atuação madura, que refletiu a ordem registrada nas paralisações. “Estamos nos acostumando a conviver com as greves reivindicatória e política. Aqui ocorreram alguns discursos, mas nenhum de exacerbção a favor ou contrário ao movimento”, disse ele.